

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JOANA LOPES ARAÚJO

O PODER DA PALAVRA IMPRESSA

sua difusão e seu controle

Rio de Janeiro

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



O poder da palavra impressa: sua difusão e seu controle

Aluno: Joana Lopes Araújo

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Trabalho de Conclusão do Curso de
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação, UFRJ

Rio de Janeiro
2010

A658 Araújo, Joana Lopes

O poder da palavra impressa: sua difusão e seu controle / Joana Lopes Araújo. – Rio de Janeiro: [s.n] ; 2010 29 f.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Orientador: Prof. Antonio José Barbosa de Oliveira

1. História da Imprensa 2. Difusão do Livro 3. Acesso a informação 4. Oliveira, Antonio José Barbosa de (Orient.)

JOANA LOPES ARAÚJO

O PODER DA PALAVRA IMPRESSA : SUA DIFUSÃO E SEU CONTROLE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professor Msc. Antonio José Barbosa de Oliveira (orientador) - FACC/UFRJ
Doutorando em Memória Social (PPGMS/UNIRIO)

Nome
Titulação
Instituição

CONCEITO FINAL: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu querido amigo, cúmplice, exemplo e futuro companheiro eterno, Felipe Oppe, que me ensinou a nunca desistir e lutar pelo melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos e à família que fizeram todos os caminhos mais simples e possíveis de serem trilhados. Aos professores que tornaram suas aulas interessantes e intrigantes a ponto de serem tema para este trabalho. Ao professor Antonio Oliveira que tornou as ideias possíveis de serem escritas, ajudou-me a entender, pesquisar, analisar e escrever sobre o que realmente me interessava. A todos que contribuíram para que esse trabalho se tornasse não apenas uma obrigação acadêmica, mas produto da minha curiosidade e emoção.

“(...)Tenho certeza que meu amor
É mais rico que minhas palavras”
Willian Shakesper

Resumo

ARAÚJO, Joana Lopes. **O poder da palavra impressa**: sua difusão e seu controle. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010

O poder da palavra sempre acompanhou a história do homem. Sua necessidade de comunicação estava principalmente ligada a sua sobrevivência, a representação e compreensão de seu mundo e sua necessidade de se eternizar. A evolução da escrita e o desenvolvimento da imprensa não alteraram tais objetivos, apenas os reformularam. A história do mundo e os eventos que a acompanham mostram que a palavra escrita se tornou um instrumento de poder, uma ferramenta de “destribalização”, e a fonte da eternidade em uma guerra de conhecimento e influência. A invenção da imprensa foi um marco para entre um mundo oral e acústico e um mundo de visão e explicitação, mas a invenção de Gutemberg teve efeitos mais profundos do que extinguir os copistas e escribas criando técnicas de rápida repetibilidade. Gutenberg desenvolveu mais do que uma técnica de impressão, ele inventou um meio de transmissão de informação, conhecimento e ideais que nunca mais perdeu seu valor e autoridade. E dessa maneira usada com objetivos justos ou não, a linguagem impressa se tornou uma poderosa arma de liberdade e controle. O presente trabalho pretende apresentar um histórico sobre a Imprensa e seu impacto na sociedade destacando sua utilização em momentos históricos como a Reforma Religiosa e o Nazismo com o objetivo de destacar a influência da linguagem impressa nestes fenômenos sociais e como foi utilizada na busca do conhecimento por tais sociedades. Momentos esses em que foi símbolo de profundas mudanças que trazem para a atualidade a compreensão da dependência do homem à linguagem impressa. Dessa maneira pretende-se fundamentar a importância da comunicação impressa em relação à busca pelo conhecimento, pela visão de mundo e transformações na

sociedade que a mesma pode exercer ao agir como agente mediador, difusor e gerador de ideias e pensamentos.

***Palavras-Chave:* História da Imprensa . Difusão do Livro . Acesso à Informação**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 METODOLOGIA	12
4 A PALAVRA IMPRESSA	13
4.1 A IMPRENSA DE GUTENBERG	14
4.2 A REFORMA	17
4.3 O NAZISMO	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26

1 INTRODUÇÃO

Luiz Fernando Veríssimo, em uma de suas crônicas publicada pelo jornal O Globo em maio de 2004 chamou a “maldita palavra grafada” de “Madrasta das Musas”. Lembrou que grandes mestres como Sócrates e Jesus Cristo nunca precisaram escrever nada para moldar o futuro da humanidade. Mas a memória dessa época foi substituída pelos efeitos civilizatórios da palavra escrita e nada permaneceria como história sem as muitas tentativas de invenção dos tipos móveis e a invenção, no século XV, por Gutenberg, que teve efeitos instantâneos e de alcance extraordinário. De repente pela primeira vez, desde a invenção da escrita, era razoavelmente possível produzir material de leitura rapidamente e em grandes quantidades comparadas ao método de manuscritos restritos a produção dos mosteiros.

Meio século depois dessa invenção, um professor de Veneza chamado Aldus Manatius criou uma editora para produzir livros para seus alunos. Ele queria exemplares menos onerosos, fáceis de carregar, de ter em casa e não tão luxuosos como os grandes livros das bibliotecas e mosteiros. E foi a partir de Gutenberg e do êxito de Aldus que o mundo passou a imprimir milhões de exemplares por ano e, portanto, criar um mercado consumidor. E dessa maneira a imprensa tornou o livro o meio de comunicação mais eficiente conhecido até então e com passar dos séculos outros formatos tornaram a informação mais acessível para o grande público.

O palavra impressa surgiu assim com a responsabilidade de substituir o ouvido pela vista e segundo McLuhan (1972), de “destribalizar” o homem e dar forma lógica ao pensamento e além de tudo auxiliar a memória e imergir de uma sociedade não alfabetizada para a sociedade da linguagem escrita.

Apesar disso a História da Imprensa se relaciona mais com a história do mundo do que apenas a difusão rápida e ampla da informação. O trabalho pretende apresentar alguns dos efeitos da tecnologia de Gutenberg em sua própria época complementando uma cultura de oralidade pela vista e escrita. Além disso, pretende destacar épocas na história do mundo em

que o acesso à palavra impressa significava poder e liberdade de livre exame, como durante a Reforma Religiosa; ou quando representou dominação, restrição e ao mesmo tempo difusão de ideias de controle, como no Nazismo.

Dessa maneira busca-se criar uma reflexão sobre o poder da imprensa em relação ao poder das ideias, da informação e do conhecimento no mundo, mostrando assim que tais poderes sempre foram símbolos de liberdade e desenvolvimento e que a linguagem impressa destacou-se como meio para tais desígnios.

Assim a oralidade dos discursos e dos teatros foi complementada pela guerra de palavras que acompanhou os grandes acontecimentos da história da sociedade onde seu alcance se tornou instrumento poderoso para grandes líderes, ideias e comportamentos. Dessa maneira, esse trabalho baseia-se nos fatos históricos que apresentam a imprensa como ferramenta para difusão, retroalimentação de ideologias na sociedade, buscando uma fundamentação para os poderes civilizatórios que a difusão e o acesso à informação pode representar na atualidade.

2 OBJETIVOS

Fundamentar o estudo sobre a imprensa e seus impactos na sociedade através de um estudo histórico de fatos e momentos onde a imprensa foi ferramenta de poder, dominação e liberdade.

2.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho objetiva abordar o estudo sobre a imprensa e seus impactos na sociedade através de um estudo histórico, percebendo alguns aspectos do poder da palavra escrita (imprensa) sobre as sociedades.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar fatos Históricos com base na difusão e acesso a informação de tais épocas.
- Analisar a importância da imprensa no controle e difusão da informação.
- Relacionar o poder da palavra impressa com as épocas de repressão, controle e busca de liberdade intelectual.

3 METODOLOGIA

O trabalho estará focado na história da imprensa e do impacto dessa no mundo, dando à palavra imprensa um poder de transformação e disseminação de informação jamais imaginada. Dessa maneira será apresentado um histórico dos eventos em torno da invenção e vida de Gutenberg e do desenvolvimento das técnicas de impressão assim como seu impacto para a sociedade da época. Além disso, o trabalho pretende analisar os efeitos e a manipulação da palavra impressa durante dois períodos da história do mundo: a Reforma Religiosa e o Nazismo. As análises serão feitas através de pesquisas bibliográficas fundamentadas no estudo dos acontecimentos e mudanças de tais épocas e a importância da imprensa durante esses períodos.

4 A PALAVRA IMPRESSA

O surgimento de uma nova tecnologia de informação tem sido tão frequente que sua importância é minimizada rapidamente por uma nova invenção, uma nova ferramenta ou novos formatos. A difusão dos meios de comunicação em massa provocou na chamada sociedade da informação a necessidade de maiores discussões sobre direitos autorais, armazenamento e acesso ao conhecimento. Mas tais discussões encontram suas origens em um passado em que o objeto “livro” era um artigo de luxo, o conhecimento era restrito e a busca por informação era uma ferramenta de dominação e poder.

O mundo como conhecemos não se parece em nada com o mundo anterior a Gutenberg onde a invenção de uma máquina, baseada em tipos móveis, capaz de reproduzir rapidamente e em grandes quantidades os livros acorrentados nos mosteiros, mudou para sempre a maneira como a sociedade valorizaria o conhecimento, transformando a nossa época na chamada Sociedade da Informação

4.1 A IMPRENSA DE GUTENBERG

O mundo da oralidade foi refletido por métodos de ensino que baseavam-se totalmente na leitura como meio transmissão de informações e no livro como um objeto valioso, restrito e geralmente o único disponível era aquele que o professor possuía e ensinava através da leitura em voz alta. Além disso, a cópia de tais manuscritos estava acima dos recursos da maioria da população, exigia uma mão-de-obra intensiva e que não garantia a precisão e coerência entre os exemplares. Concomitantemente havia um número crescente de estudantes e universidades que formavam um mercado ávido de novas técnicas de reprodução de textos em quantidade suficiente a um custo razoável. Ou seja, segundo a obra de Wilson Martins (2002), a qual darei especial enfoque neste tópico, era o momento propício para o surgimento de uma nova tecnologia de impressão que por coincidência, destino, maldição, benção ou conspiração moldou o mundo atual.

A imprensa foi descrita por Guillaume Fichet que introduziu a máquina impressora – em Paris como o “cavalo de Tróia”. Um presente para humanidade que causou profundas mudanças na geração e difusão do conhecimento, que trouxe desenvolvimento e modernização em alguns momentos, abriu fronteiras e em outros delineou territórios de poder. Comparada às muitas invenções e descobertas do homem poucas tiveram um alcance tão profundo e duradouro quanto a Imprensa de Gutenberg. Isso se deve principalmente aos efeitos que ela trouxe, não apenas para a Europa, mas para o mundo. A imprensa permitiu que as línguas vernáculas crescessem e se multiplicassem, acelerou o interesse comercial pela publicação e venda de livros, possibilitou a consulta individual e particular de exemplares e difundiu informações antes restritas para um número cada vez maior de leitores.

A invenção da imprensa, portanto, data do século XIV e assim como as grandes invenções, resulta mais do aperfeiçoamento gradativo de processos rudimentares e idéias iniciais do que um ato de genialidade de seu mentor. Sem desprezar a capacidade inventiva de Gutenberg, julgamos que ele foi responsável por reunir as habilidades de seus contemporâneos e aperfeiçoar a imprensa dando-lhe o impulso decisivo e abrindo-lhe as portas da imortalidade desejada pelos homens. Do dia para a noite Mongúncia foi palco de uma invenção que provocou profundas diferenças nos processos relacionados à tipografia e que se tornou uma verdadeira arte de reproduzir textos não mais com a pena, mas com letras de metal.

Assim a impossibilidade de comprovação em relação às técnicas anteriores de impressão a Gutenberg é um fato a seu favor já que apenas o episódio de sua invenção encontra-se documentado como o testemunho do padre Tritêmio, citado por Martins (2002 p.145):

Nessa época, em Mogúncia, cidade da Alemanha, perto do Reno, e não na Itália, como falsamente se pretendeu, foi imaginada e inventada por Gutenberg, cidadão de Mogúncia, essa arte memorável e até então desconhecida de imprimir livros por meio de caracteres em relevo. Gutenberg depois de ter arriscado pelo sucesso da sua invenção quase todos os seus meios de existência, vendo-se presa dos maiores embarços, sofrendo necessidade ora de uma coisa, ora de outra, e já disposto a abandonar por desespero o seu empreendimento, pôde, entretanto, com a ajuda dos conselhos e da bolsa de João Fust (...). Mas, Pedro Schoeffer, então operário e em seguida genro, como dissemos, do primeiro inventor. João Fust, unindo a habilidade à prudência, inventou uma maneira mais fácil de fundir os caracteres e completou essa arte, conduzindo-a ao ponto em que se encontra hoje. Os três guardaram segredo durante algum tempo sobre essa maneira de imprimir, até que ela foi divulgada por seus operários, sem a ajuda dos quais eles não podiam praticá-la, primeiro em Estrasburgo e pouco a pouco nos outros países do mundo.

A imprensa foi também nos seus primeiros tempos, uma arte hermética de iniciados, que prometiam o segredo sob juramento, em parte por interesse comercial e em parte por simples espanto já que durante algum tempo a arte de imprimir passou por sobrenatural: “era a arte de escrever sem pena.” Muitos pensavam que os impressores trabalhavam por meios cabalísticos e, longe de serem considerados modestos operários, os tipógrafos eram tidos como alquimistas soturnos terríveis e as oficinas eram imaginadas como laboratórios de magia negra. Essas superstições deram ao livro um caráter restrito e misterioso, e explicado pelos ignorantes e por aqueles que tinham interesse em manipular a palavra impressa como tendo íntimas relações com o Diabo.

A censura, independente de qual fosse, mas em particular a censura eclesiástica, encontra a sua origem nessa hostilidade contra a palavra impressa e “o livro, ao contrário dos réus de direito comum, era culpado, até prova em contrário, devendo-se, em caso de dúvida, queimá-lo, se possível com o autor para extirpar o mal de uma vez para sempre” (MARTINS, 2002)

Somente com a Renascença que foi, antes de tudo a “civilização da liberdade”, o livro impresso afirma definitivamente seus direitos e uma reação contra a estrita dominação da igreja nos domínios intelectuais.

O nascimento da imprensa gerou assim uma ruptura tão intensa e transformadora que McLuhan (1977) defende sua importância sob o título de “homem tipográfico” devido às transformações sociais geradas pelo modo como a imprensa e a máquina tipográfica de Gutenberg imprimiram velocidade e quantidade na divulgação de textos escritos e, conseqüentemente, aumentando seu alcance e acesso.

O livro segue assim, por sua vez, a mesma trajetória de todos os conhecimentos teóricos, evoluindo nitidamente de uma natureza religiosa e limitada para uma natureza cada vez mais profana e universal. O milagre se torna cotidiano e banal, a alquimia se transforma em química; o feiticeiro em operário.

Mas apesar disso os primeiros livros impressos não surgiram imediatamente com sua personalidade própria, pelo contrário, procuravam imitar quase que fielmente o livro manuscrito de tal forma que, a não ser por uma análise especializada, é difícil distinguir um incunábulo de um livro manuscrito. Tais ações demonstram talvez uma resistência a mudança que acorreria e o receio da revolução que a imprensa provocaria.

4.2 A REFORMA PROTESTANTE

Um ditado popular entre usuários da informática diz que para se fazer algo significativo basta uma pessoa, mas para se fazer algo realmente interessante é necessário uma pessoa e um computador. Ao analisar os impactos da Reforma Religiosa no mundo podemos compreender a importância da imprensa durante esse momento decisivo da história onde, de então por diante, só um intermediário seria admitido – o livro, como explicitado por Martins (2002, p.167)

Com efeito, o livro facilmente e abundantemente reproduzido significava a possibilidade, desde então irrefreável e infinita, do livre exame, do espírito científico e objetivo, da discussão inesgotável de todos os problemas, da vida individual então possível para cada um. O mundo moderno começava.

Dessa maneira a invenção da tipografia transformou completamente tanto a rapidez quanto a circulação da informação na sociedade, tornando-se uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade e favorecendo a privacidade da leitura e principalmente a reivindicação de direitos e liberdades individuais. Segundo McLuhan(1972), as mudanças relativas às características da leitura seguiram uma negação da oposição, ocorrida entre uma cultura do manuscrito associada à oralidade, presente na cultura medieval, e uma cultura do impresso, associada à leitura silenciosa, a partir do novo contexto que se configurou com a nova era que surgia.

A imprensa proporcionou aos indivíduos uma nova maneira de viver e enxergar o mundo a partir de novas percepções e de novas possibilidades de raciocínio sobre o pensamento teocêntrico como acrescentado por Bacelar *apud* Ribeiro (2009, p.30):

Tal como influenciou profundamente a reforma do pensamento religioso e do método científico, as inovações da imprensa desafiaram igualmente o controle institucional. A imprensa estimulou a procura e o credo numa verdade fixa e verificável, assim como abriu caminho aos homens para o livre arbítrio e o direito de escolher individualmente percursos intelectuais e religiosos.

A imprensa possibilitou a quebra do modo de reter o conhecimento limitado a poucos e tornou possível a informação ganhar novas fronteiras a alastrar-se por áreas ou regiões que não tinham acesso, mesmo sendo a alfabetização um privilégio de poucos.

Até o século XV, a civilização era composta majoritariamente por analfabetos e numa estrutura social baseada na Igreja e da nobreza, que utilizava a fé como controle social impondo as escrituras ao povo sem possibilidade de questionamentos. Com a invenção de Gutenberg a hegemonia católica foi abalada, e o livro nesse contexto seria a pedra fundamental para a democratização, não só da informação, mas de todo o modo de pensar dos tempos futuros. De certa forma é impossível pensar na realidade sem pensar na contribuição da imprensa e do livro para o progresso intelectual das sociedades.

A invenção da imprensa foi a força que dinamizou transformações e mudanças paradigmáticas que sem ela até poderiam ter ocorrido, mas não com a intensidade e rapidez que ocorreu. Com relação a isso a disseminação dos protestos de Lutero, na escala em que ocorreu, só foi possível graças ao invento de Gutenberg. Martinho Lutero era um reformador com os mesmos ideais de muitos outros que buscavam atingir o maior público possível e defendia a negação da necessidade da intermediação do fiel a Deus e valorizava o acesso do fiel às escrituras sagradas. Segundo McGarry, sua principal intenção era desafiar a autoridade espiritual e temporal da Igreja Católica que representava o maior poder da cristandade ocidental. Em *O Contexto Dinâmico da informação* McGarry (1999, p.79) nos diz:

Em 31 de outubro de 1517 ele [Martin Lutero] divulgou seu desafio doutrinário à autoridade do papa por meio de teses ou pronunciamentos manuscritos que fixou na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha. Esses polêmicos documentos logo apareceriam em forma impressa e por um lance de mágica ele se viu falando para o mundo inteiro.

Dessa forma Lutero alcançou dimensões inimagináveis para suas teses o que provocou uma corrente de discussões e questionamentos de valores sobre porque o mundo era como era, o que tornavam a imprensa um meio de buscar as respostas. O sucesso da imprensa durante a Reforma deve-se não apenas pela velocidade de produção de exemplares que a partir desse momento estariam disponíveis, pela precisão das informações, mas também por todo o

conteúdo que disponibilizava e que influenciou o clima intelectual daquele tempo e provocou uma queda de paradigmas.

A imprensa, portanto nunca foi um invento pacífico, pois os livros antes acorrentados, escritos à mão por copistas em velhos mosteiros e restritos ao domínio da Igreja, tornaram-se rapidamente uma força subversiva, capaz de abalar a fé e reduzir a autoridade da igreja. Ela trouxe a liberdade de acesso à informação e ao pensamento e possibilitou ao povo transformar o conhecimento num instrumento para sua emancipação do jugo feudal. O livro impresso mostrou-se capaz de sobreviver às tiranias e dogmatismos. Dessa maneira a imprensa de caracteres moveis favoreceu o rompimento de uma estrutura social rígida e contribuiu para o surgimento de uma classe média intelectual.

Ribeiro (2009) cita a experiência do arcediago dom Claudio Frollo, que apontando o dedo para o imponente edifício da Igreja de Notre Dame de Paris e com a mão sobre um livro, disse: “Isto há de matar aquilo” – o livro acabará com a igreja! Com esse gesto e essas palavras dom Claudio lamentava o fim do mundo que conhecia de padres, freiras e livros acorrentados. Suas palavras refletiam o temor que a imprensa causou em um mundo sustentado pelos dízimos e pela fé que representava um império de mais de mil anos. A autora ainda cita um trecho do livro *Nossa Senhora de Paris* de Victor Hugo apud Ribeiro (2007, p.33) que diz:

A invenção da imprensa é o maior acontecimento da história. É a revolução mãe... é o pensamento humano que larga uma forma e veste outra...é a completa e definitiva mudança de pele dessa serpente diabólica, que desde Adão, representa a inteligência

Dessa maneira a invenção de Gutemberg foi um fator determinante para a rápida disseminação das idéias da Reforma Religiosa. Sem ela as mudanças que conhecemos poderiam ter ocorrido e Martin Lutero entre outros poderiam ter alcançado algum êxito em seu empenho, mas não com a dimensão e força que ocorreu. As mudanças de pensamento, o acesso as escrituras e ao conhecimento, o questionamento e principalmente a busca por respostas só seria possível com a ferramenta e o meio adequado, a imprensa.

Os ideais reformistas influenciaram, por exemplo, a vida de Willian Tyndale, o tradutor da Bíblia para o idioma inglês, que foi perseguido e morto por sua influencia no

desenvolvimento da fé reformada entre os povos de língua inglesa. Tyndale foi acusado de apresentar distorções nas escrituras, quando na verdade o que estava sugerindo é que o poder que estava nas mãos de líderes eclesiásticos deveria estar com todos os crentes. Ao mesmo tempo que se ocupou na tradução e impressão das escrituras, ele também se envolveu em acirradas disputas teológicas cujo resultado foram obras que continuam sendo lidas, publicadas e discutidas, como *The Obedience of a Christian Man*, onde (Pereira, 2003, p.20) defende o direito de todos os crentes, “todo rapaz que conduz um arado” de ter acesso direto a escritura (Pereira, 2003, p.20).

Eu havia percebido, pela experiência, como era impossível dar fundamento de qualquer verdade aos leigos, a não ser que as escrituras fossem literalmente abertas diante de seus olhos na sua língua natal, para que eles pudessem ver o processo, ordem e significado do texto: senão seja qual for a verdade ensinada, esse inimigos de toda a verdade a extinguem de novo. Em parte fazendo malabarismos com o texto, expondo-o de forma difícil de entender... o processo a ordem e o significado dele.

As polêmicas envolvendo Tyndale representam a expressão inicial da Reforma na Inglaterra e a primeira vez que um debate intelectual é impresso. Por isso ficou conhecido como o “pai da Bíblia Inglesa”. Apesar disso e como previsto, todas as suas obras foram confiscadas pelas autoridades da Igreja Romana que deram ordem para queimar todas as cópias da sua tradução. Porém eles não podiam parar o fluxo da entrada de Bíblias vindas da Alemanha para a Inglaterra. Até mesmo na Escócia, os mercadores escoceses estavam levando a Bíblia para o seu povo. O próprio William não podia regressar à Inglaterra, pois estava sendo procurado pela leitura de seus escritos e tradução que havia sido legalmente proibida. Contudo, ele continuou suas revisões e correções até que sua edição final do Novo Testamento foi cumprida em 1535.

Com esta conclusão, Tyndale iniciou a tradução do Velho Testamento, porém não viveu bastante a ponto de terminá-la. Em Maio de 1535 foi preso e levado a um castelo perto de Bruxelas onde ficou aprisionado por mais de um ano. Segundo Pereira (2003) o tradutor foi condenado à morte por haver colocado as Escrituras na mão do povo inglês. No dia 6 de Outubro de 1536, ele foi estrangulado e logo depois queimado na estaca em público. Porém, suas últimas palavras antes de morrer foram: “Senhor, abre os olhos do Rei da Inglaterra.”

Provavelmente Tyndale não imaginava os efeitos de seu trabalho e esforços na tradução e impressão da Bíblia, mas seus ideais assim como dos pensadores e mártires da Reforma protestante iniciaram uma busca pelo conhecimento que se apoiava nos livros como símbolo de liberdade intelectual. Dessa maneira a corrente iniciada por Gutenberg e apoiada por outros como Tyndale propiciaram não apenas que os olhos do Rei da Inglaterra fossem abertos, mas os olhos da humanidade.

4.3 O NAZISMO

Se a imprensa teve como papel primordial democratizar o acesso à informação e “abrir os olhos” da humanidade, seu poder também foi logo reconhecido por aqueles que reconheciam os seus efeitos e a necessidade de manipulá-lo. O movimento Nazista durante a Segunda Guerra Mundial pode ser retratado como um dos grandes exemplos da importância e atenção dada ao livro impresso.

O Holocausto de milhões de judeus em mãos dos Nazistas foi precedido pelo Bibliocausto, em que milhões de livros foram destruídos pelo regime. Sobre tal acontecimento Heinrich Heine *apud* Baés (2006, p.241) escreveu em seu livro *Almensor*: “(...) Onde queimam livros, acabam queimando homens (...)”

Liderado por Adolf Hitler o partido criou estratégias de intimidação contra judeus começando pela Lei de Proteção do Povo Alemão que restringia a liberdade de imprensa e definiu o esquema de confisco de materiais considerados perigosos. Tudo o que fosse crítico ou desviasse os padrões impostos pelo regime nazista foi destruído. Centenas de milhares de livros foram queimados no auge de uma campanha iniciada pelo diretório nacional de estudantes. Um dos eventos mais significativos ocorreu em 5 de maio de 1933 quando estudantes da Universidade de Colônia foram à biblioteca e recolheram todos os livros de autores judeus e queimaram como uma mensagem para o mundo. E essa ação precedeu inúmeros atos que resultaram na destruição de milhões de livros, cuja justificativa estava nas palavras Joseph Goebbels *apud* Baéz (2006, p.244)

A época extremista do intelectualismo judeu chegou ao fim e revolução da Alemanha abriu as portas novamente a um modo de vida que permita chegar a verdadeira essência do ser alemão (...). Portanto, vocês agem corretamente quando, a esta hora da meia noite, entregam às chamas o espírito diabólico do passado (...)

Na história do mundo e quase três séculos depois, mais uma vez o livro é tido como diabólico, alvo de censura e perseguição e como forma de impor ideais e restringir outros considerados

ameaçadores. Sigmund Freud *apud* Baéz (2006, p.246) disse a um jornalista que tal fogueira era um avanço na história humana: “Na idade Média eles teriam me queimando. Agora se contentam em queimar meus livros (...)”

Os livros judaicos foram assim considerados “inimigos do povo”, eram considerados proibidos e os donos das coleções eram deportados e tinham suas bibliotecas confiscadas ao mesmo tempo em que crescia a impressão de folhetos e revistas de propaganda que divulgavam o partido Nazista.

Apesar disso, em seu livro *A Biblioteca Esquecida de Hitler*, Timothy W. Ryback descreve o líder do Nazismo como um apaixonado por livros, que foi obviamente um homem mais conhecido por queimar livros do que por colecioná-los. Na época de sua morte estima-se que possuísse cerca de 16 mil livros, que reúnem obras de filósofos, historiadores, poetas, dramaturgos e romancistas. Dentre os muitos roubados e destruídos alguns foram transferidos à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, onde permanecem e guardam em suas páginas anotações e inscrições que revelam o caráter estudioso e curioso de Hitler, que lia vorazmente ao menos um livro por noite. Este disse certa vez: “Quando se dá, também é preciso tirar e eu tiro o que preciso dos livros.”

Os livros costumavam ser o presente favorito de Adolf Hitler, e apesar de não ter deixado nenhum relato de como passou a possuir este ou aquele volume ou de seu significado emocional, as diversas dedicatórias e marcações revelam a importância pessoal e intelectual dessas obras em sua vida. Em seu livro *Mein Kampf* Adolf Hitler *apud* Ryback (2009, p.8) diz:

Conheço pessoas que “leem” uma enormidade, livro após livro, letra após letra, mas que eu não consideraria que tenham “lido bem”. É verdade que possuam uma massa de “conhecimentos”, mas seus cérebros não conseguem organizar e registrar o material que absorveram. Carecem da arte de separar, num livro, o que tem valor do que não tem, retendo para sempre a parte boa e, se possível, ignorando o resto

Hitler baseava muitos de seus discursos em suas leituras e sua maior influência foi Dietrich Eckart autor de *Peer Gynt* e sobre quem Ryback (2009, p. 52) diz: “Eckart deu foco, forma e ardor ao antissemitismo do próprio Hitler. E no seu leito de morte Eckart teria dito: “Sigam Hitler! Ele dançará, mas fui eu que invoquei a música”.

Hitler comprava quase tudo o que houvesse disponível nas livrarias ou por onde passava, grande parte dessas obras encontram-se marcadas por suas anotações e linhas à lápis que acompanham seus textos. Essas obras são como descritas por Timothy W. Ryback, peças de um mosaico que formaram a personalidade de Hitler. Em seu livro *Main Kampf*, Hitler (HITLER, 1983, p.17) escreveu:

Revolvendo a Biblioteca paterna, deparei com diversos livros sobre assuntos militares, entre os quais uma edição popular da guerra franco-alemã (...) Tornaram-se minha leitura favorita. Não tardou para que a luta de heróis se transformasse para mim em um acontecimento da mais alta significação. Daí por diante eu me entusiasmava cada vez mais por tudo que, de um modo ou de outro, se relacionasse com guerra ou com vida militar.

Entre muitas outras influências literárias estava, por exemplo, Anton Drexler autor de “Meu Despertar Político” no qual Drexler enfatizava as influências judaicas na imprensa e suposta ameaça econômica. Drexler *apud* Ryback (2009, p.56) escreveu:

Desde o momento em que reconheci o verdadeiro inimigo de todos os trabalhadores, nada mais me deteve (...) com grande amor que sentia por minha terra natal, impus-me a tarefa de usando todos os meios disponíveis, ajudar a abrir os olhos daquelas pobres almas iludidas em relação ao verdadeiro inimigo.

Sobre as obras de Drexler Hitler escreveu: “Vi meu próprio desenvolvimento ganhar vida diante de meus olhos.” E em outro caso lembrou ter-se visto dividido entre a tolerância inata de sua vida familiar e a retórica antissemita da direita política e declarou: “Como sempre nesses casos, comecei a tentar mitigar minhas dúvidas através dos livros.”

E mais uma vez na história, a imprensa era tida como a ferramenta para “Abrir os olhos” do leitor e da sociedade. A mesma metáfora em diferentes épocas da história da humanidade refletia o poder da palavra imprensa. Manipulada para fins justos ou injustos, mais uma vez a imprensa (através de livros, folhetos, folhetins etc.) revelou-se como forma poderosa de difusão de poder, como uma ameaça e como formadora ideológica. Um jornal foi fundado para divulgação de idéias do partido que rapidamente conseguiu a fusão de vários outros movimentos menores e excluindo os judeus de que qualquer atividade política, ou seja, a propaganda através não apenas na imprensa, mas de todos os meios de comunicação disponíveis tornaram as idéias do partido nazismo defendíveis para toda a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento,
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?”*

(MCGARRY, 1999, p.1)

A imprensa permitiu que as línguas vernáculas crescessem e se multiplicassem, acelerou o interesse comercial pela publicação e venda de livros, possibilitou a consulta individual e particular de exemplares e difundiu informações antes restritas para um número cada vez maior de leitores. Além disso, modificou o processo através do qual as pessoas buscariam o conhecimento e permitiu que um grupo de pessoas se rebelasse contra o conformismo de que a tutela de sua existência estivesse nas mãos de seus líderes eclesiásticos. Mas também foi a responsável pela criação do termo “poder de informação” e constituiu-se num modo de influenciar os outros por meio de retenção total ou transmissão parcial de informações às quais os outros teriam acesso.

Assim as diferenças que conhecemos sobre ter ou não informação, ter ou não acesso ao livro ou a qualquer meio de comunicação não é uma discussão contemporânea própria da sociedade da informação, pelo contrário, independente do suporte essa foi a discussão que justificou a invenção da imprensa.

A época e os desafios mudaram, mas não o suficiente para que não vejamos mais o poder de retenção e disseminação da informação. Podemos ainda visualizar a cegueira daqueles que estão presos ao suporte e que se pudessem ainda acorrentariam os livros a sua biblioteca, daqueles tão receosos das novas tecnologias que não vêem nessa uma oportunidade e que a tratam também como magia negra onde seus operários trabalham por meios cabalísticos. Aqueles que vêem nos e-books, bibliotecas virtuais, atividades automatizadas uma ameaça tão grande quanto a imprensa foi para a igreja católica e a literatura judaica para o Nazismo.

Dessa maneira a invenção de Gutenberg, bem como seus vários desdobramentos tecnológicos, ao longo dos anos recebeu uma atenção especial comparada a qualquer outra máquina já criada. Ela foi descrita como a ferramenta que possibilitaria o “Abrir dos olhos” para humanidade como citado nas diferentes épocas que descrevemos. Por diferentes motivos, em

diferentes momentos da história, nas mãos de diferentes líderes a imprensa surgiu como um combate a “cegueira” de um povo. Das páginas impressas com caracteres móveis surgiu a liberdade, o acesso, o controle e a informação e das tecnologias criadas a partir dela as mesmas características tem sido mantidas. Em nossa era, os que consideraram as imagens do eletrônico como as sucessoras da palavra escrita se equivocaram: ainda aqui, com todo desenvolvimento tecnológico, o “homem tipográfico” ainda vive cercado pelas letras do alfabeto que caracterizaram a cultura ocidental pós-Gutenberg.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: Princípios das Técnicas de editoração**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

BÁEZ, Fernando. **História Universal da Destruição dos Livros: Das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HITLER, Adolf. **Mein kampf**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

HUGO, Victor. **Nossa Senhora de Paris**. EDIGRAF, São Paulo, 1958.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: História do livro da imprensa e da biblioteca**. São Paulo, 2002

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Briquet de Lemos, Brasília 1999.

MCLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo, 1972.

Momentos do Livro. Edição comemorativa. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. **Origens do Copyright e a Ideologia do Autor**, Rio de Janeiro: [s.n.], 2007

OLIVEIRA, Lívio Lima. **A Revolução da Brochura: Experiências de Edição de Livros Acessíveis na Europa nos Séculos XIX e XX**. [S.l.: s.n., 2005?]

PEREIRA JUNIOR, Isaias Lobão. **A mensagem que arde como fogo: William Tyndale, tradutor da Bíblia na Inglaterra dos Tudor's**. Brasília: UNB, 2003.

RIBEIRO, G.M.; CHAGAS, R.L.; PINTO, S.L. **O Renascimento cultural a partir da imprensa: O livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV**. Akropolis, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2 , p. 29-36, jan./jun. 2007.

RYBACK, Timothy W. **A biblioteca esquecida de Hitler:** Os livros que moldaram a vida do Führer. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.